

1.452 internações por dependência química na região

1.452 internações por dependência química na região

De janeiro a abril deste ano, 1.452 pessoas foram hospitalizadas; cidades contam 176 leitos

RENAN SOARES renansoares@dgabc.com.br

De 2021 a abril deste ano, 1.452 pessoas ficaram internadas nos hospitais da região para tratamento de dependência química. Somente nos primeiros quatro meses de 2023, foram registradas 259 hospitalizações, cerca de duas por dia. Os dados fazem parte de levantamento realizado pela Secretaria Estadual da Saúde, a pedido do Diário, para a terceira reportagem da série Vício Regional, publicada aos domingos durante o mês de julho. (Acesse outras matérias no site)

O Grande ABC conta com duas unidades de referência, que também possuem atendimento psiquiátrico, sendo elas o Hospital Mário Covas, que dispõe de 21 leitos especializados em psiquiatria, e o Hospital Estadual de Diadema, que possui 10 leitos. Para atender esses pacientes, o Estado também mantém um convênio com o Hospital Lacan, em São Bernardo, que conta com 145 leitos. Juntos, os três equipamentos ofertam 176 vagas de internação.

Em 2022, durante todo ano, foram registradas 587 internações na região, número 3,13% menor que em 2021, ano que contabilizou 606 hospitalizações. Marcelo Maciel Andruccioli, 45 anos, é um desses pacientes. Internado em outubro do ano passado após surto psi-



RECUPERAÇÃO. CAPS AD em Santo André tem impacto fundamental na vida de pacientes

cótico relacionado ao uso de maconha, ele passou dois meses no Hospital Lacan antes de ser encaminhado ao CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas). Bárbara da Silva Santos, locali-

zado em Santo André (leia mais abaixo). Segundo a mãe de Marcelo, Vânia Narimar Maciel, 66, o filho ainda não se recuperou completamente, mas demonstra significativa melhora. Ela

relembra os momentos de tensão que antecederam a internação. "Achava que ele precisava de ajuda, porque ficava cada vez mais agressivo comigo", finaliza.

No Estado, as hospitaliza-



ções por dependência química chegaram a 6.942 neste ano, de janeiro a abril. (Veja dados na arte abaixo)

NA REGIÃO No Grande ABC, há serviços e ações de cuidado que visam a redução dos impactos do uso de drogas no indivíduo. Em Santo André, o principal é o CAPS AD Bárbara da Silva Santos, localizada na Rua Venezuela, 91 - Centro, que funciona das 7h às 19h.

Há outras unidades de CAPS AD que atuam de segunda a sexta-feira em São Bernardo (Estrada da Cooperativa, 209 - Alves Dias), das 7h às 19h; São Caetano (Rua dos Castores, 60 - Bairro Mauá), 7h às 17h; Diadema (Rua Moscy Goulart Cunha Caldas, 111 - Centro), 8h às 11h30 e das 13h30 às 16h30; e Mauá (Avenida Dom José Gaspar, 62 - Bairro Maria) 8h às 12h e das 14h às 18h.

Em Ribeirão Pires, o atendimento via CAPS acontece na Rua Domingos Benvenuto, 12, no Centro, das 8h às 17h durante a semana. Já em Rio Grande da Serra, o serviço é feito na Rua Prof. Carlos José Carlson, 9 - Jardim Maria Paula, no mesmo horário. As cidades ressaltam que a atenção básica é a porta de entrada dos serviços de saúde.

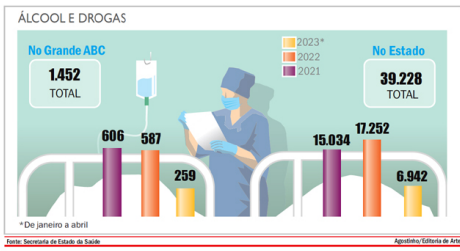
CONSEQUÊNCIAS

Os efeitos das substâncias psicoativas no organismo são diversos, explica Talita Di Santi, psiquiatra formada pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. Segundo Di Santi, os efeitos iniciais estão mais ligados a alterações de humor e comportamento, como Marcelo, afetando todo o corpo do usuário com o decorrer do tempo.

"A dependência química é uma das consequências a longo prazo, já que os usuários cada vez mais precisam da droga para ter a sensação de prazer", explica a psiquiatra, que também é supervisora do Promuid (Programa de Mulher Dependente Química) do Instituto de Psiquiatria. Segundo a especialista, a dependência é variável, sendo individual e multifatorial para cada usuário.

Di Santi ainda cita diversas outras consequências para o uso abusivo de drogas, como: doenças cardiovasculares; aumento da frequência cardíaca e da pressão arterial; problemas hepáticos, que pode levar a hepatites; alterações respiratórias, com problemas pulmonares crônicos; transtornos psiquiátricos e overdose.

Para melhor tratamento do vício, Di Santi defende um processo individualizado. A internação, segundo a especialista, é uma alternativa recomendada para casos graves.



Tratamento oferece recomeço a usuários

Josefa Bernardo da Silva, 49 anos, Marcelo Maciel Andruccioli, 45, e Natan Vanini, 52, carregam em suas histórias dois pontos em comum. O primeiro, o vício em substâncias psicoativas, fator que gerou episódios traumáticos na vida de cada um. O segundo, e mais importante, é a batalha para vencer a dependência química. Na busca por esse recomeço, o grupo realiza tratamento no CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas) Bárbara da Silva Santos, em Santo André.

"Existiu uma vida sem o uso da bebida e da droga", afirma Natan Vanini. Há um ano e três meses frequentando o espaço, ele relembra quando entrou no mundo das drogas. Vivendo em uma família conservadora, Vanini aproveitou o dia em que os pais o deixaram sair com amigos pela primeira vez. Aos 22 anos e, "para descontraí", iniciou o uso do álcool, que se expandiu depois para cocaína e crack. O ponto final e a busca pelo CAPS, aos 51, ocorreu após um surto psicótico, enquanto misturava cocaína com bebida.

"Quando se é jovem, você chapa, deita, dorme, e acorda bem", afirma Vanini. "Fui deteriorando. Ficava quatro dias dentro de um barraco usando drogas. Quando acabava o dinheiro eu vendia relógios, liquidificador, televisão, o que tinha, pela obsessão da droga", desabafa.

Questionado sobre a possibilidade de vencer a dependência, ele diz: "É possível, não acredito e consequi". Marcelo Maciel Andruccioli concorda com a afirmação. Desde outubro de 2022 no CAPS, após um surto psicótico por uso excessivo de maconha, o paciente, que chegava a fumar oito baseado por dia, demonstra evolução e sonha em voltar à sua vida que levava antes da crise sanitária da Covid-19.

"Comecei a fumar na pandemia porque andava meio perturbado. Usava para me acalmar, porque comecei a fechar tudo e eu era comerciante. No começo, a maconha me acalmava, porém, não percebi que na verdade ela que estava me acelerando", explica Marcelo, que conta com a ajuda da mãe, Vânia Narimar Maciel, 66,

para retomar o controle da sua vida.

Já Josefa Bernardo da Silva, tem como principal laço familiar as pessoas que a acolheram. Nascida na Paraíba, veio aos 15 anos para a Capital, e viveu por 20 anos nas ruas, sendo uma década em Santo André. Para se sustentar, ela revela que vendia drogas e roubava. Presa por duas vezes, perdeu o contato com os filhos, mas mantém a esperança de reencontrá-los, dessa vez recuperada.

"Eu bebia muito e ainda usava crack, cocaína e maconha", afirma Josefa. "Eu só tenho a agradecer. Se não fosse o CAPS acho que já teria morrido. Foi sofrido parar, deu crise de choro e nervoso, mas com o tempo passou a dar nojo e enjojo", finaliza a paciente, que agora sonha estudar para conquistar um emprego e ter sua primeira casa própria.

SERVIÇO O equipamento oferece atendimento de porta aberta, de segunda a sexta-feira, das 7h às 19h, na Rua Venezuela, 91 - Centro. RS e TL



CAPS. Natan (esq.), Josefa (centro) e Marcelo (dir.) buscam vida nova

'Eles chegam na ONG achando que a morte é o único caminho'

No Grande ABC, diversas instituições sociais realizam trabalhos voltados à população em vulnerabilidade, como pessoas em situação de rua, dependentes químicos, entre outros grupos.

Em São Caetano, a ONG (Organização Não Governamental) Mãos que Abençoam atende há 10 anos os "invisíveis sociais", aqueles que, por qualquer motivo, perderam vínculos familiares e encontraram nas ruas ou nas drogas um meio para sobreviver.

No espaço, localizado na Alameda São Caetano, no Bairro Santa Paula, são oferecidos, às segundas, quartas e sextas-feiras, serviços para atender as necessidades básicas das pessoas, como banho, troca de roupa, café da manhã e almoço. Em média, 150 pessoas são atendidas por semana.

Além do serviço essencial promovido nesses dias, a ONG também realiza orientação para regularização de documentação, apoio profissional com psicóloga e assistente social. Dependentes químicos

são assistidos pela comunidade terapêutica da instituição e recebem vagas em clínicas de recuperação, conforme explica a vice-presidente da entidade, Paula Maria Ribeiro do Amaral.

Para quem deseja mudar de vida, é possível realizar um tratamento, de forma gratuita, por até nove meses. "Por conta da parceria com as empresas, são cobradas apenas mensalidades sociais de R\$ 300 mais cesta básica. Arcamos com todo o custo, e fazemos o papel de família deles, de acompanhamento durante o período de recuperação", esclarece Maria.

"Eles chegam na ONG achando que a morte é o único caminho, e encontram uma oportunidade para recomeçar, escrever um novo projeto de vida", finaliza a vice-presidente.

Para realizar o trabalho social, a ONG Mãos que Abençoam (@ongmaosqueabençoam) sobrevive de doações de dinheiro, itens de higiene básica, material de limpeza, além de roupas e alimentos.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 4